

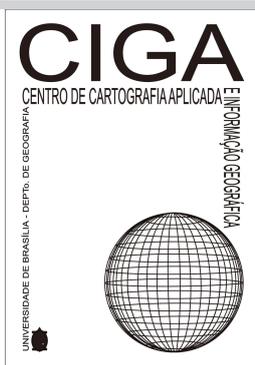
Artigo

A Geografia do Maracatu-Nação de Pernambuco e a Expansão de Grupos no Brasil e no Mundo

Cleison Leite Ferreira
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

p. 17-31

Revista



Revista Eletrônica: Tempo -
Técnica - Território, V.7, N.2
(2016), 17:31 ISSN:
2177-4366

DOI: [https://
doi.org/10.26512/
ciga.v7i2.19094](https://doi.org/10.26512/ciga.v7i2.19094)

Como citar este artigo:

FERREIRA, C. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. A Geografia do Maracatu-Nação de Pernambuco e a Expansão de Grupos no Brasil e no Mundo. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.7, n.2 (2016), p. 17:31 ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v7i2.19094>

Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/ciga/editor/issueToc/1723>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

A Geografia do Maracatu-Nação de Pernambuco e a Expansão Geográfica de Grupos no Brasil e no Mundo

Cleison Leite Ferreira

Doutor em Geografia

Universidade de Brasília

cleiferreira@yahoo.com.br

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Professor Titular – Departamento de Geografia

Universidade de Brasília

quilombo.sanzio@gmail.com

RESUMO: O objetivo desse trabalho é apresentar a cartografia do Maracatu-Nação de Pernambuco e a expansão dos grupos de maracatu nas escalas cadastral, regional, nacional e internacional. Pressupomos que a cartografia de uma manifestação cultural se expressa a partir da representação das escalas de ação na produção do espaço geográfico e tem sua importância na medida em que evidenciamos a sua concretude por meio de mapas. Nesse sentido, esse trabalho é multiescalar de base conceitual, técnica e empírica. Seu desenvolvimento ocorreu com a discussão teórico-conceitual sobre cultura enquanto produtora do espaço geográfico e de como a cartografia é um importante instrumento de representação dessa dinâmica. Para seu desenvolvimento foram utilizados instrumentos e técnicas de mapeamento, tais como GPS e softwares de edição e de elaboração cartográfica – ArcMap e Corel Draw. A pesquisa de campo possibilitou adquirir dados *in loco*, realizar registros fotográficos, entrevistas, georreferenciamento das coordenadas geográficas e tomadas de medidas de sedes e outros espaços significativos para os Maracatus-Nação referentes à escala cadastral. Os principais resultados apresentados foram produtos cartográficos que expressam a localização de Maracatus-Nação na RMR e a dinâmica da expansão geográfica de grupos de maracatu nas escalas nacional e internacional. Constatou-se que a cartografia é um importante instrumento para os estudos culturais, sobretudo no concernente às escalas, além de auxiliar na análise e na interpretação da identidade territorial. Os Maracatus-Nação se diferenciam dos grupos percussivos de maracatu não só por suas estruturas formais ou por seus referenciais étnicos e elementos estéticos. O espaço geográfico os define e os diferencia, e pode ser representado, mensurado e analisado pelo uso da cartografia.

PALAVRAS CHAVES: Maracatu-Nação, Cartografia, Expansão Geográfica

ABSTRACT: This paper aims to present the cartography of the Maracatu-Nação (an African-Brazilian expression) and the Maracatu groups in cadastral, national and international scales and to represent by mapping geographical expansion in Brazil and in

other countries. We assume that the cartography of a cultural expression is expressed through the representation of the scale of social action in the production of geographical space and has its significance, since we can highlight its concreteness through maps. This work is multi-scale and has conceptual, technical and empirical basis. Its development happened with theoretical and conceptual discussion of culture as a producer of geographic space and how cartography is an important tool to represent this dynamic. For its development were used tools and mapping techniques, such as GPS and editing and mapping software, as ArcMap and Corel Draw. The field research allowed acquiring data in loco, photographic records, interviews, georeferencing, and taking headquarters measures and other Maracatu-Nação significant spaces for regarding the cadastral scale. The main results were cartographic products expressing the locations and the dynamics of the geographic expansion of Maracatu in national and international scales. It was found that the cartography is an important tool for cultural studies, especially with regard to the scales, and it stands for helping the analysis and interpretation of territorial identity. The Maracatu-Nação differ from the groups not only by their formal structures or ethnic and aesthetic elements. The geographical space defines and differentiates them, and can be represented, measured and analyzed by the use of cartography.

KEYWORDS: Maracatu-Nação, Cartography, Geographic Expansion

RÉSUMÉ : L'objectif de ce travail se présente la cartographie de Maracatu- Nation de Pernambuco et les expansions des groupes de Maracatu dans aux échelles, cadastrale, nationale et internationale. On a supposé que la cartographie de une manifestation culturelle que s'exprime à partir des échelles de action dans la production de la zone géographique et avoir cette importance dans la mesure que nous attestions ses caractères concret par les cartes. Dans ce contexte, ce travail est multi échelle sur la base conceptuelle, technique et empirique. Ce développement se manifeste avec la discussion théorique- conceptuel sur la culture tandis que producteur de la zone géographique et comment la cartographie c'est un appareil important de représentation de cette dynamique. Par ce développement a été utiliser appareils et techniques de cartographie, comme GPS et software de Edition et élaboration cartographique- ArcMap et Corel Draw. La recherche de terrain permettre acquérir l'information in loco, réalisée documentation photographique, entrevues, géo référencement de las coordonnées géographiques et prises de mesure de sièges et autres lieux significatifs par les Maracatu- Nation référents a échelles cadastrale. Les principaux résultats présentes a été produit cartographique qu'exprime la localisation de Maracatu- Nation dans le RMR et la dynamique d'expansion géographique de groupes de Maracatu dans échelles nationales et internationales. A été constaté qui c'est un instrument important par les études culturelles, surtout en ce qui concerne les échelles, plus qu'aider l'analyse d'interprétation de l'identité territoriale. Les Maracatu- Nation se différencient percussif de Maracatu non seulement par leur formel structures ou par ses référentiels ethniques et éléments esthétique. La place géographique est définie et différencié, pouvant être représenté, mesuré et examiné par l'usage de la cartographie.

MOTS CLÉS: Maracatu-Nation, Cartographie, Expansion géographique

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país continental, com importantes registros da presença africana no seu território iniciada com as diásporas forçadas ocorridas ao longo dos séculos XVI e XIX. A atuação de africanos e de afrobrasileiros foi significativa e construiu nos espaços urbanos e rurais uma grande diversidade de modos de vida e de produção do espaço, tais como os quilombos e as terras de pretos, e de construção de expressões culturais, reconhecidas atualmente como patrimônios culturais imateriais, tais como a capoeira, o frevo, o samba e o maracatu. Essas expressões atravessaram séculos e, apesar das inúmeras perseguições oficiais que sofreram com a intenção de serem extintas, se reinventaram e estão vivas e atuantes no cotidiano de diversas cidades, como Rio de Janeiro, Recife e Salvador, criando importantes territórios de resistência, onde realizam e reinventam suas tradições seculares.

Apesar de quase quinhentos anos da presença africana no Brasil e considerando que a principal composição étnica do país são as matrizes africanas, pouco se tem estudado e conhecido acerca de seus territórios tradicionais. Estes têm sido invisibilizados e, quando não, têm sido representados apenas como artefatos ou elementos de uma condição folclórica, desconsiderando as múltiplas espacialidades e temporalidades e a atuação de seus fazedores, como se fossem um fato em si mesmo – um dado sem contexto.

Consideramos que o território se configura como a melhor dimensão espacial para o conhecimento das práticas da população de matriz africana no Brasil que, secularmente excluída e subjugada, definiu no espaço seus meios de unidade em torno de aspectos étnicos e culturais, dotando-o de sentimentos de apropriação, de poder e de legitimidade a partir de seu legado material e imaterial o qual repercute espacialmente conformando uma identidade territorial. Além disso, é no território onde “estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população” (ANJOS, 2010, p. 7) e é nele que, segundo Santos (2006, p. 13) “desembocam todas as ações, todas paixões, todos os poderes, todas forças, todas as fraquezas”. Vale lembrar que Milton Santos deixou claro que território, aquele que carrega a vida, as práticas sociais, as trocas materiais e espirituais, ou seja, o território usado, “é o chão mais a identidade” (SANTOS, 2006, p. 14).

O território é dotado de temporalidade e, por meio dele, podemos reconhecer os processos sociais de exclusão histórica, de conflitos sociais e de resistência, principalmente no que diz respeito às matrizes étnicas mais expressivas da população como, no caso brasileiro, as matrizes africanas. E a cartografia é importante instrumento de representação da ação humana no espaço, seja do passado, do presente e do futuro (ANJOS, 2010). No que se refere aos territórios tradicionais, o uso da cartografia tem um significado ímpar. Isto porque eles se tratam de uma espacialidade e de uma temporalidade específica, e que muitas vezes sofre compressão por um tempo e espaço diferentes do tempo e espaço de quando e de onde provêm suas principais referências étnico-culturais, como é o caso do Maracatu-Nação de Pernambuco.

O Maracatu-Nação é uma manifestação cultural de matriz africana que tem a Região Metropolitana do Recife (RMR) como seu espaço de origem e de localização. Também conhecido como Maracatu de Baque Virado, tem suas origens datadas no início

do século XIX, quando ainda ocorriam no Recife uma prática social e política da população africana conhecida como eleição e coroação de Reis e Rainhas do Congo. É caracterizado por um cortejo real negro que se apresenta pelas ruas das cidades, principalmente durante o carnaval, e é formado por reis e rainhas que andam protegidos por um grande guarda-sol, e por príncipes e princesas, damas da corte, embaixadores e lanceiros. Além dos personagens reais, ainda há damas-do-paço, que carregam uma boneca denominada calunga, e caboclos das matas, que são associados aos indígenas brasileiros. Esses dois personagens são dotados de uma referência religiosa, pois carregam símbolos das religiões de matrizes africanas e ameríndias, dos quais os Maracatus-Nação estão associados e mantêm relação de existência. O cortejo do Maracatu-Nação, devidamente ornado, desfila acompanhado de uma parte musical-percussiva, que entoia loas e toca os principais instrumentos musicais de um maracatu, que são tambores, gonguê, mineiro e tarol ou caixa de guerra.

Desde pelos menos o ano de 1800 há registros de Maracatus-Nação na RMR, onde foram encontradas 27 Nações (como são denominados os agrupamentos em torno da manifestação) vivas, atuantes e produtoras não só de uma manifestação cultural, mas definidoras de práticas espaciais nas comunidades e nas favelas das áreas centrais e das periferias das cidades.

O Maracatu-Nação tem obtido reconhecimento nacional e internacional desde o final do século XX, sendo possível encontrar em suas sedes pessoas provenientes de diferentes estados brasileiros e de outros países em busca de conhecer ou de aprender a tocar e a fazer os instrumentos musicais e a realizar um cortejo real. Isso tem levado à formação de grupos de maracatu no Brasil e em outros países em duas modalidades: os grupos percussivos (preocupados em reproduzir a sonoridade do Maracatu-Nação) e os grupos estilizados (grupos que tocam a música e que reproduzem a corte real).

Notadamente, os Maracatus-Nação e os grupos de maracatu se diferenciam, primordialmente, pela composição identitária, por referenciais étnicos e raciais e pela dimensão religiosa, uma vez que os primeiros têm obrigações com as religiões de culto aos orixás (o Xangô) e aos ancestrais e seres encantados (Umbanda e Jurema Sagrada). No entanto, com uma análise mais próxima das realidades de ambos, é possível identificar que se diferenciam também pela dimensão espacial e por suas escalas de ação, uma vez que a relação que mantêm e as práticas sociais que desenvolvem com seus espaços de vivência os definem enquanto Nações e grupos de Maracatu.

Esse trabalho tem como principal objetivo apresentar a cartografia do Maracatu-Nação em Pernambuco e da(s) dinâmica(s) espacial(ais) que ocorrem na formação de grupos de maracatu no Brasil e fora do Brasil. Assim, esse é um trabalho multiescalar, pois aborda e representa cartograficamente as estruturas mais íntimas do Maracatu-Nação (a casa, as sedes e as ruas) – configurando as escalas de cadastro e local – e as mais abrangentes com a espacialização dos registros nas escalas nacional e internacional. Além da representação da nova dinâmica espacial que ocorre em escala global, com a formação de grupos de maracatu no Brasil e fora do Brasil.

Foram elaborados mapas temáticos e utilizados registros fotográficos como formas de representação, leitura e interpretação do território, por serem importantes ferramentas de

trabalho e de investigação no que se refere aos registros da dinâmica espacial, não devendo ser vistos como produtos com um fim em si mesmo, mas como instrumentos capazes de nos revelar a historicidade da ação humana, suas repercussões no momento atual e as projeções futuras. É importante destacar que, conforme aponta Anjos (2011), os mapas como representação e interpretação gráfica do mundo real são instrumentos eficazes de leitura do território e possibilitam revelar a “territorialidade das construções sociais e feições naturais do espaço e por isso, mostram os fatos geográficos e os seus conflitos.” (ANJOS, 2011, p. 16 e 17). Com relação à fotografia, Anjos afirma ser um importante recurso documental de conhecimento geográfico devido às “representações e interpretações do tempo, do espaço e da sociedade, que não se cristalizam e não são estáticas” (ANJOS, 2011, p. 17). Ainda, segundo Anjos, o registro fotográfico permite constatar na sociedade, principalmente no que se refere à estrutura social de uma matriz cultural, “se esta é rica ou pobre, justa ou discriminatória” (Idem), podendo ser um importante instrumento estratégico de conhecimento do que acontece verdadeiramente no território (ANJOS, 2011).

METODOLOGIA

O trabalho se desenvolveu a partir de dois principais eixos de operacionalização. O primeiro de cunho empírico, para a coleta de dados primários e reconhecimento da realidade estudada e representada, e o outro de cunho técnico, com a elaboração da cartografia e das representações espaciais gráficas do objeto estudado, como descritos a seguir:

1º - Coleta de dados primários – As informações foram colhidas diretamente com saídas de campo sistematizadas, ocorridas entre os meses de Maio e Agosto de 2015 e Fevereiro de 2016, formando um conjunto de dados primários, nos bairros e nas sedes dos Maracatus-Nação da RMR e em locais de ensaio dos grupos de maracatu no Brasil (nas cidades de São Paulo, Florianópolis e Itajaí), na Irlanda (em Dublin), na Alemanha (em Berlin e em Hamburgo) e no Reino Unido (em Londres). Para a composição dos dados foram realizadas entrevistas com Mestres dos Maracatus-Nação e com maracatuzeiros e com membros dos grupos de maracatu nas escalas nacional e internacional, dando destaque para os aspectos territoriais da organização das sedes e das práticas espaciais das Nações e dos grupos em seus bairros. Foram realizadas medições de sedes e, como o uso de equipamento de GPS (Sistema de Posicionamento Global), a identificação, a catalogação e o registro das Coordenadas Geográficas das sedes dos Maracatus-Nação e dos grupos de maracatu. Houve também a utilização de imagens de satélite do Google Earth para demarcar a posição geográfica das sedes dos Maracatus-Nação, com o auxílio das informações cadastrais fornecidas pelo Núcleo de Cultura Afro-brasileira da Prefeitura da cidade do Recife.

2º - Produtos cartográficos: foi elaborado um conjunto de produtos gráficos e cartográficos, tais como:

- Na escala local: mapa de definição da RMR enquanto território em si do Maracatu-Nação e mapa de localização de suas sedes, que representam seu território usado.
- Escala cadastral: representação cartográfica da espacialidade mais íntima dos Maracatus-Nação que é o seu território tradicional.
- Escala nacional e internacional: mapas de localização de grupos de Maracatu no Brasil e do mundo e mapas temáticos que representam os processos de expansão geográfica nacional e internacional de grupos de maracatu

Esse modelo de pesquisa foi escolhido por permitir compreender com mais precisão o território do Maracatu-Nação como fato social, possível de categorização e de dimensionamento, conforme aponta Anjos (2011), além de possibilitar identificar e investigar as suas incongruências históricas e contemporâneas que atingem, sobretudo, a população afro-brasileira e suas territorialidades.

Assumimos nesse trabalho o conceito de território associado às concepções de cultura como uma produção que está em curso, não como algo acabado ou fechado em si, e relacional com o espaço onde está inserida. Diante disso, realizamos a cartografia do Maracatu-Nação, que está expressa tanto na localização dessa manifestação cultural em um espaço mais abrangente, que é a RMR, como nos espaços mais estritos, como as cidades, os bairros e as comunidades/favelas e a sua relação com espaços religiosos de matrizes africanas.

Identificamos, nesse processo, que o Maracatu-Nação desenvolve suas práticas em escalas bem definidas, quando consideramos a dimensão espacial e temporal do cotidiano e do seu território usado. Essas escalas de ação são aqui reconhecidas como “escalas de abrangência” (CORRÊA, 2011, p. 41) onde é possível definir a extensão do território do Maracatu-Nação e onde ele se localiza, se realiza e produz espaço geográfico. Segundo Roberto Corrêa (2011, p. 41-42)

a escala espacial constitui traço fundamental da ação humana, relacionada a práticas que se realizam em âmbitos espaciais mais limitados ou mais amplos, mas não dissociados entre si. (...). Escalas ou âmbitos espaciais são marcas e matrizes da ação do homem inseridas em sua complexa espacialidade, que envolve distintos propósitos, meios e sentidos..

As obras de Rafael Sanzio dos Anjos nos trazem importantes informações sobre a representação cartográfica da ação humana e o quanto esse instrumental é eficaz na representação, na leitura e na interpretação do território, sobretudo no Brasil com suas dimensões continentais (ANJOS, 2010). As territorialidades constituídas por referências étnicas se realizam em escalas da ação possíveis de dimensionamento e de representação espacial.

Realizamos a representação cartográfica das escalas cadastral e local, pois, além de permitirem expressar graficamente a realização e espacialidade das práticas sociais cotidianas, essas escalas definem o Maracatu-Nação, porque ele se trata de uma manifestação cultural que ocorre nos contextos mais estritos do espaço geográfico metropolitano recifense.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

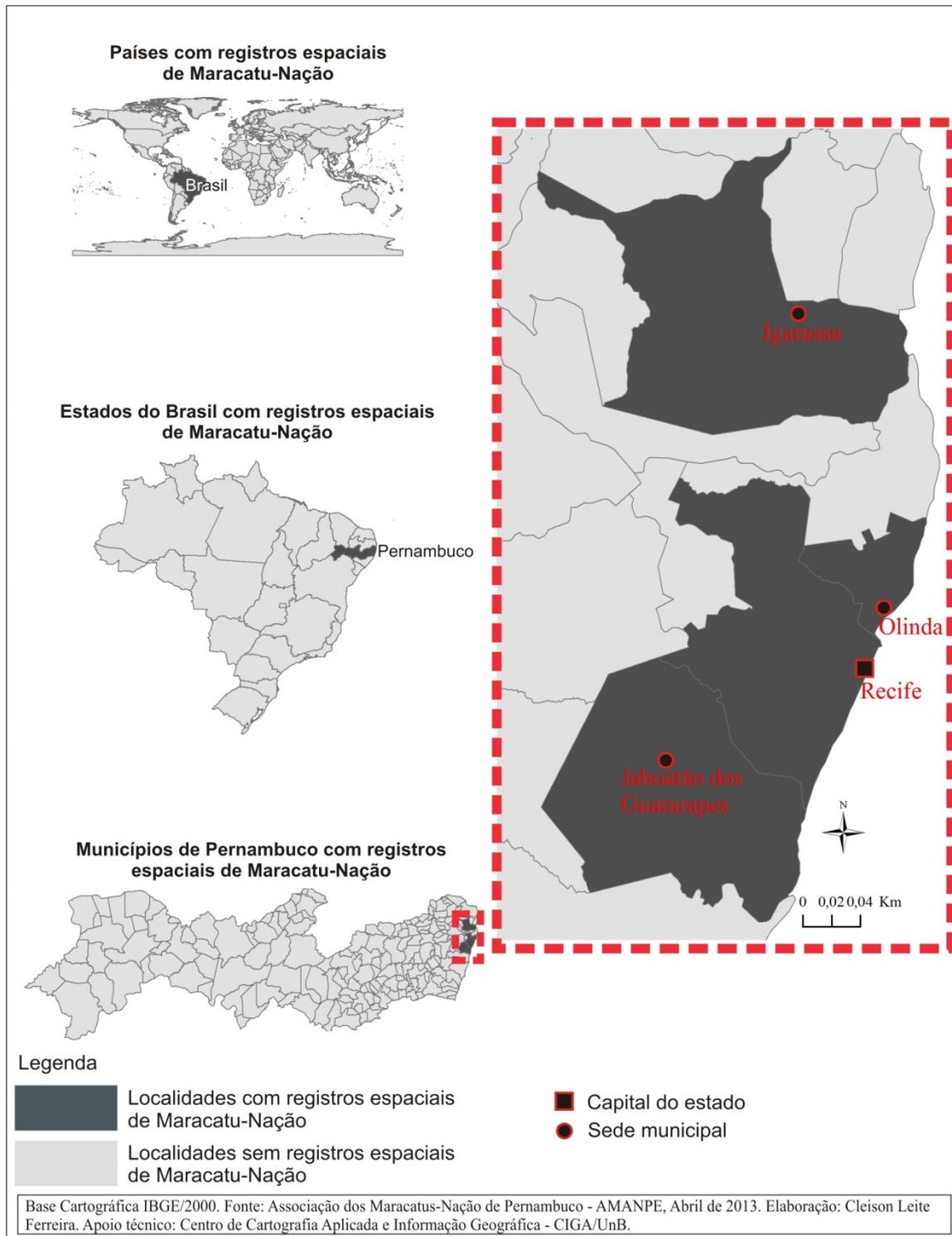
Nas pesquisas de campo identificamos que há Maracatus-Nação apenas nos municípios da RMR, e de forma mais específica em Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Igarassu, conforme mostra o **Mapa 1**. Essa constatação espacial expressa a escala local e se refere ao território em si do Maracatu-Nação. Ela, por si só, não nos permite compreender o contexto mais exato da manifestação cultural. Isto porque, segundo Milton Santos (2006; 2013), esse território mais abrangente é forma e é conjunto de sistemas naturais e sistemas de coisas superpostas feitas pelo homem, sendo assim o território em si. Nessa mesma ordem, Santos (2006, p. 14) continua “o território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a geografia”.

A identificação dessa área metropolitana como território em si nos auxilia no reconhecimento de que essa manifestação cultural tem um contexto amplo onde está inserida e como ela mantém uma relação existencial e de pertencimento com a totalidade espacial. Mesmo que não seja a nossa realidade de análise, reconhece-la é importante como forma de localizar espacialmente o objeto estudado e serve como contraponto à espacialidade da qual nos interessa, denominada de território usado.

Milton Santos (2006, p. 14) define território usado como “o chão mais a identidade”. É a soma do território em si – que é forma e por isso mensurável e passível de ser cartografado - e das práticas sociais que acontecem nele e o dotam de conteúdos cheios de significados, conformando um sentimento de pertencimento (SANTOS, 2013, p. 96).

A identificação do território usado do Maracatu-Nação foi um exercício metodológico e conceitual, uma vez que foi preciso identificar e assumir outra definição de Maracatu-Nação, que se deu a partir, também, de uma visão de cultura que vai além da noção clássica. Se entendermos cultura como um processo dinâmico, assim também devemos considerar as práticas culturais como uma construção. Nessa tarefa, buscamos definir o Maracatu-Nação a partir de sua geografia e de forma relacional com o seu espaço de realização e das práticas espaciais de seus fazedores.

Mapa 1: Território do Maracatu-Nação: a Região Metropolitana do Recife – Pernambuco - Brasil



Assim, com o **Mapa 2**, nos aproximamos da realidade espacial onde o Maracatu-Nação de fato acontece - território usado. Nas palavras de Zilá Mesquita (1995, p. 83), este é o espaço “mais próximo”¹, que presume intimidade. O território usado se define a partir

¹ Segundo Mesquita (1995, p. 83): “O território é o que é próximo; é o mais próximo de nós. É o que nos liga ao mundo. Tem a ver com a proximidade tal como existe no espaço concreto, mas não se fixa a ordens de grandeza para estabelecer a sua dimensão ou o seu perímetro. É o espaço

de seus espaços mais íntimos e pode ser representado na escala cadastral com as plantas das sedes. O uso dos registros fotográficos foi importante nesse processo, pois auxiliou na identificação dos contextos locais dos espaços simbólicos e práticos para os Maracatus-Nação.

A relação mantida com as religiões de matrizes africanas é uma questão central e significativa no que diz respeito aos Maracatus-Nação. Ela é condição existencial e sinônimo de autenticidade e está presente nos discursos e nas práticas de seus fazedores, e é expressa nos elementos iconográficos, nos espaços de suas sedes, nas músicas, no cortejo e nos instrumentos, e permeia intimamente toda a sua estrutura.

Essa constatação foi possível mediante a representação cartográfica das sedes. Adentrar seus espaços mais íntimos permite compreender a forma como, onde e por quem essa manifestação cultural é feita. Assim, foram realizadas as representações cartográficas das sedes. A **Figura 1** é um exemplo, entre muitos, de como está organizada uma sede de Maracatu-Nação, desde seus espaços internos à sua relação com o bairro, com a rua e com os espaços religiosos.

Esta representação revela a relação dos Maracatus-Nação com as religiões afro-brasileiras e ameríndias. É importante destacar o quanto essas religiões carregam de território e de territorialidade, uma vez que a sua relação com o espaço é vital para a sua realização e é no terreiro, no seu território usado, que estão seus principais elementos simbólicos e suas referências identitárias. A terra, a natureza, o templo religioso e sua organização, a relação com o espaço de vivência cotidiana são elementos fundamentais e definem práticas espaciais territorializadas intrínsecas às religiões, as quais os Maracatus-Nação mantêm necessária e vital relação.

Os Maracatus-Nação e suas sedes são espaços onde encontramos sujeitos que têm suas histórias compartilhadas uns com os outros: são pedreiros, empregadas domésticas, professores, estudantes, catadores de materiais recicláveis, desempregados, vendedores ambulantes e trabalhadores informais. São essas pessoas que fazem os Maracatus-Nação do Recife e que, com grandes dificuldades e com os poucos recursos financeiros de que dispõem, os levam para as avenidas do centro da cidade, engrandecendo o carnaval e favorecendo o aumento de divisas para o estado e para o município, no entanto, da arrecadação do poder público pouco retorna para si.

que tem significação individual e social. Por isso ele se estende até onde vai a territorialidade. Esta é aqui entendida como projeção da nossa identidade sobre o território". MESQUITA, Z. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Territórios do cotidiano**. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, UFRGS/UNISC, 1995.

MAPA 2: Registros espaciais dos Maracatus-Nação de Pernambuco – 2015

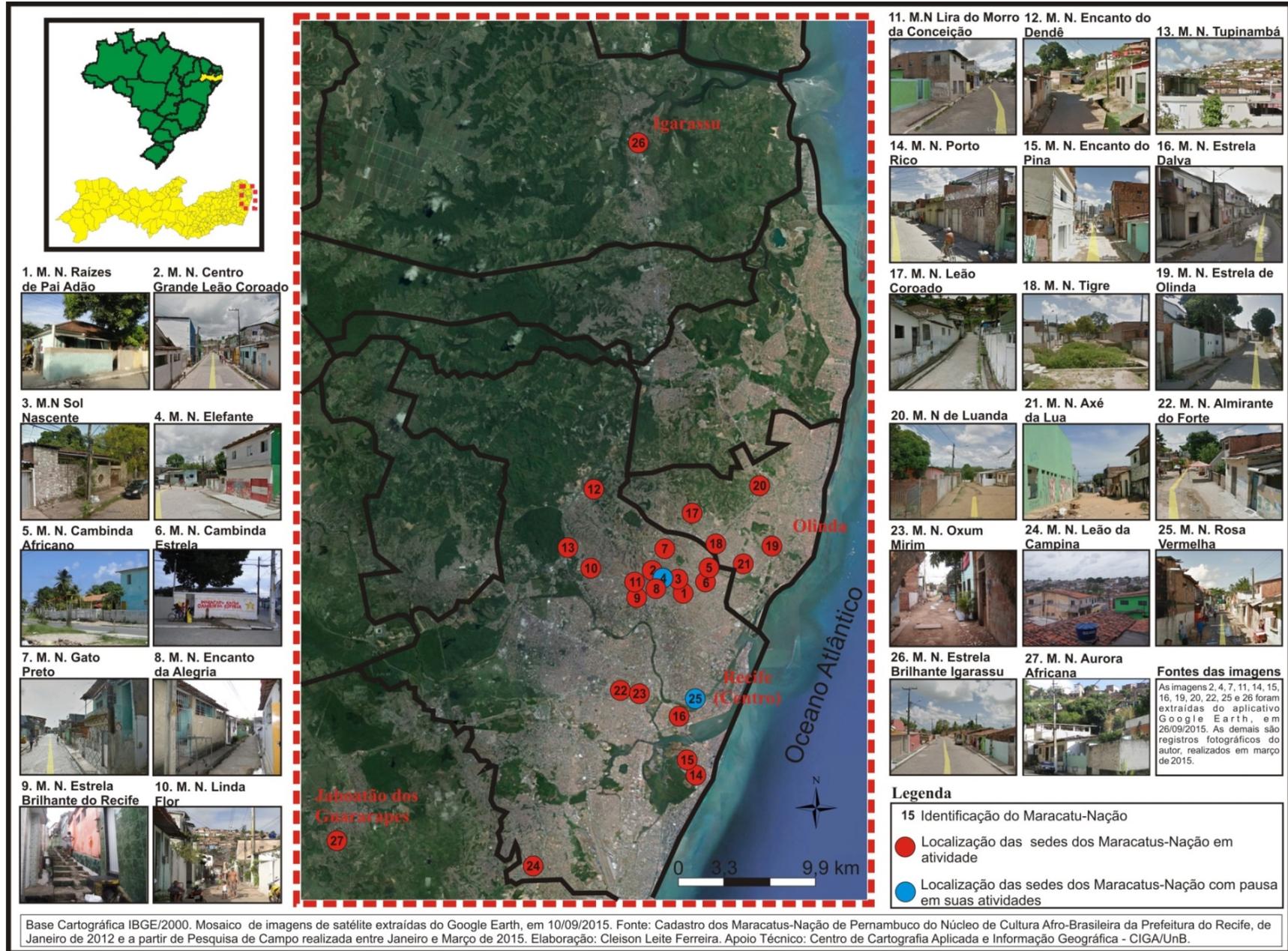
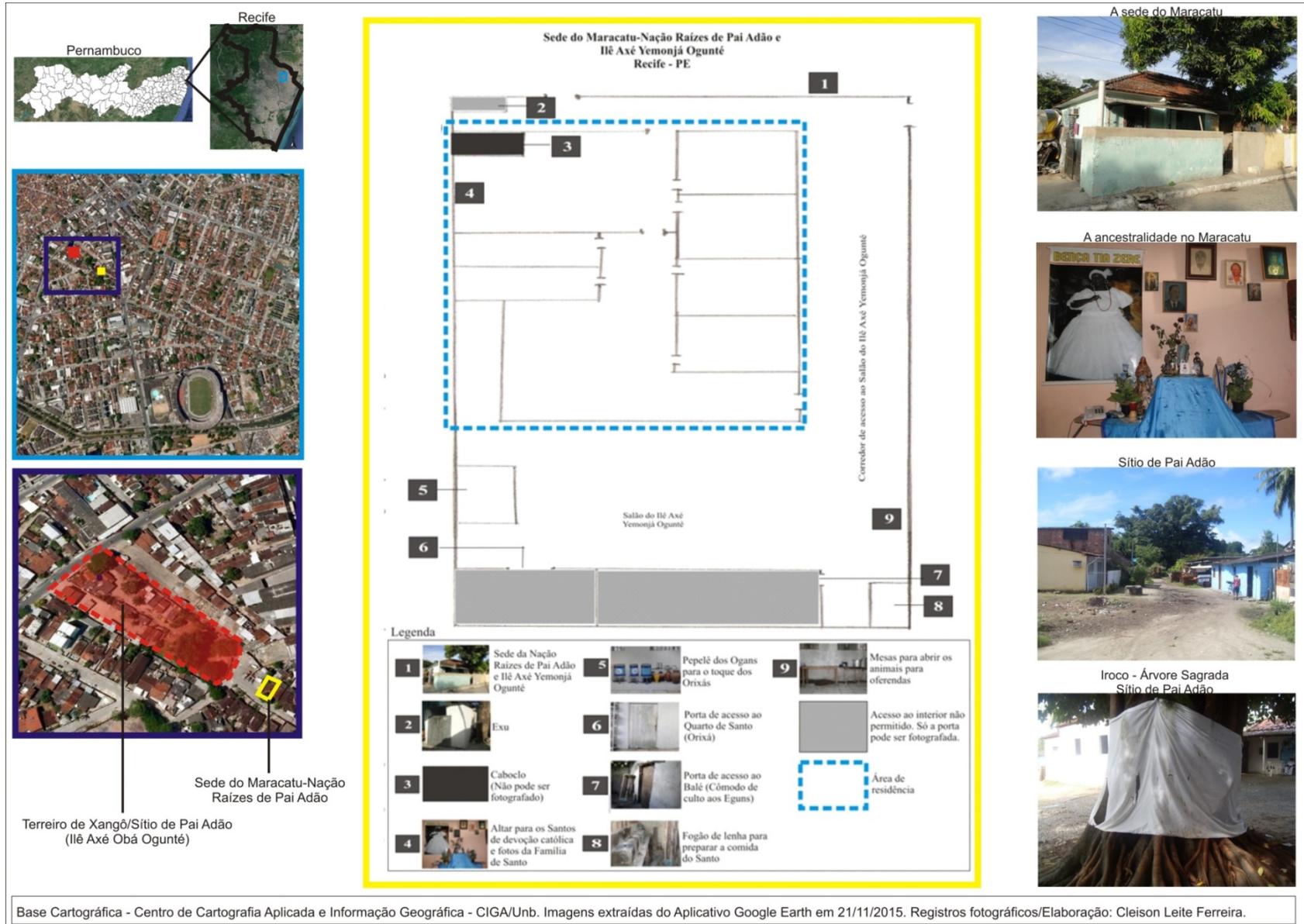
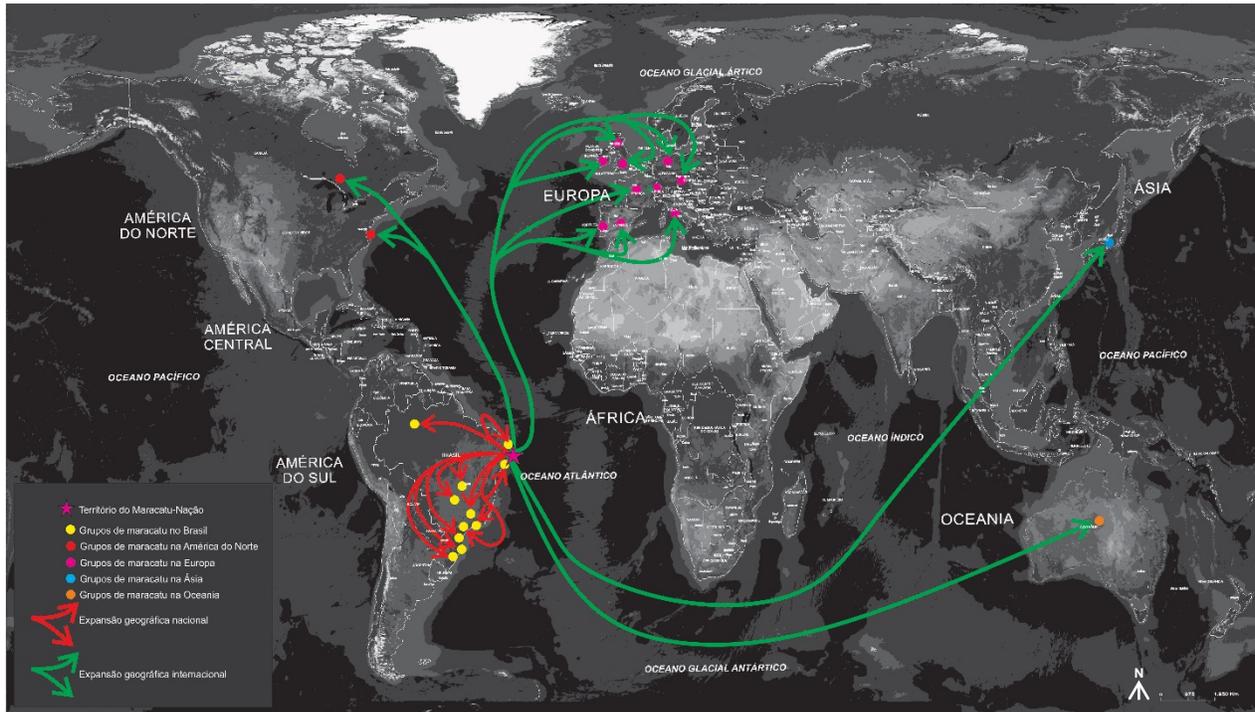


Figura 1: A estrutura espacial de uma sede de Maracatu-Nação e sua relação com o sagrado



O **Mapa 3** expressa o processo de expansão geográfica nacional e internacional dos grupos de maracatu, identificando o sentido dos deslocamentos e onde há, no Brasil e em outros países, registros espaciais de grupos de maracatu.

Mapa 3: Expansão geográfica nacional e internacional de grupos de maracatu: sentido dos deslocamentos e registros de ocorrências no Brasil e no mundo



A principal constatação espacial expressa nesse mapa é de que os principais sentidos dos deslocamentos são em direção aos estados brasileiros das regiões sul e sudeste e em países do continente europeu, como Reino Unido, Irlanda e Alemanha.

Os grupos percussivos e estilizados de maracatu que vêm se formando desde o final do século XX nas escalas nacional e internacional não mantêm as mesmas relações com o espaço mantidas pelos Maracatus-Nação. Eles são formados por alguns elementos das tradicionais Nações e não comungam das mesmas práticas territorializadas e nem dos mesmos referenciais identitários e étnicos. São formados, majoritariamente, por jovens brancos, universitários, que têm as intenções mais de divertimento, e se localizam e realizam suas atividades em bairros de classe média alta.

Diferente dos Maracatus-Nação, os grupos de maracatu não tem sede própria, os instrumentos musicais são individuais e são guardados nas residências dos próprios participantes. Também, não estão associados às religiões, que são os principais elementos de definição de uma Nação e de formação de um território tradicional.

Enquanto que para os Maracatus-Nação suas práticas são passadas entre as gerações, por meio de trocas de experiências e de forma oral ou por meio do convívio entre crianças, jovens e idosos, levando a cultura a se renovar num acontecer simbólico e cotidiano, para os grupos de

maracatu esse processo ocorre por meio de cursos, oficinas, workshops, realizados por mestres das tradicionais Nações pernambucanas.

Pressupomos que a cartografia de uma manifestação cultural se expressa a partir da representação das escalas de ação na produção do espaço geográfico e tem sua importância na medida em que evidenciamos a sua concretude por meio de mapas. De modo específico, consideramos, ainda, que a cartografia pode ser utilizada como forma de representação e de interpretação das duas realidades, pois acreditamos que as diferenciações entre ambas passam pela dimensão espacial. Isto porque os Maracatus-Nação têm forte ligação com as comunidades do centro e da periferia das cidades da RMR e são realizados tanto por obrigação religiosa como por sua importância identitária e territorial para seus fazedores.

A identificação e a localização espacial das sedes, associadas aos seus registros fotográficos, nos permitiram a aproximação dos contextos onde elas estão inseridas. São realidades históricas e compartilhadas entre si, no que diz respeito aos processos de exclusão, de abandono ou de pouca atuação do poder público para com os atores sociais, sobretudo a população negra, que lutam cotidianamente para a manutenção, a sobrevivência e a continuidade de suas práticas culturais.

Por outro lado, o mapa que representa a expansão nacional e internacional revela as realidades locais, que são, na maioria dos casos, megalópoles e cidades globais, tais como São Paulo, Nova York e Londres. Essa cartografia, com o auxílio dos registros fotográficos, revela que os grupos de maracatu formados nessas realidades estão em contextos privilegiados de acesso às melhores condições de vida nos espaços urbanos. Essa constatação foi comprovada com as pesquisas de campo, quando, também, foi possível com a realização de entrevistas identificar que as principais matrizes étnicas que compõem os grupos ocupam lugar de privilégio, sobretudo no que se refere aos preconceitos raciais e à intolerância religiosa por que passam os fazedores dos Maracatus-Nação de Pernambuco.

Essa cartografia nos fornece a constatação de que é possível representar as dinâmicas territoriais que envolvem os Maracatus-Nação levando em consideração os aspectos espaciais, a temporalidade e as principais referências identitárias e étnicas da sua composição, mas também o status em que ocorrem as apropriações e a forma como elas são utilizadas em diferentes escalas.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio A. dos. **Territorialidade Quilombola** – Fotos e Mapas. Brasília: Mapas Editora e Consultoria, 2011.

ANJOS, Rafael Sanzio A. dos. **A África brasileira**: população e territorialidade. In: Textos Básicos do CIGA, Brasília: CIGA – CESPE, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri et. al. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios, São Paulo: Contexto, 2011.

MESQUITA, Z. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Territórios do cotidiano.** Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, UFRGS/UNISC, 1995

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território.** In: Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2013.